

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

Kentukis: Inocentes Animais de Estimação ou Monstros que Invadem Nossa Privacidade?

Mateus Ramos Colognesi de Souza¹, Aliana Lopes Câmara², Aender Luís Guimarães³

¹Cursando Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, Bolsista PIBIFSP, IFSP Câmpus Votuporanga, mateusramoscolognesi@gmail.com

²Professora EBTT de Língua Portuguesa, IFSP, Câmpus Votuporanga, aliana@ifsp.edu.br

³Professor EBTT de História, IFSP, Câmpus Votuporanga, aenderguimaraes@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.08.00-2 Literaturas Estrangeiras Modernas

RESUMO: Este trabalho analisa a obra *Kentukis*, de Samanta Schweblin, com o objetivo de compreender de que modo a tecnologia impacta as relações humanas e a privacidade na sociedade contemporânea. A pesquisa busca discutir como a naturalização da vigilância e a mercantilização dos vínculos se apresentam na narrativa, revelando um cenário quase distópico que ilustra criticamente a realidade atual. A análise literária será feita com base nos conceitos de distopia, exibicionismo e voyeurismo, alienação tecnológica e sociedade do espetáculo, observando como esses elementos são incorporados na ficção. A obra transita entre os gêneros ficção científica e distopia moderna, utilizando o estranhamento causado pelos kentukis para denunciar os problemas do mundo digital, como a exposição voluntária, a superficialidade dos relacionamentos e a ausência de reflexão crítica por parte das personagens. Concluimos que *Kentukis* não apenas representa uma sociedade perturbadora, mas também denuncia a passividade quanto às mudanças tecnológicas, induzindo o leitor a refletir sobre os limites do progresso científico. A obra, assim, funciona como um espelho de nossa própria realidade, em que a privacidade é constantemente fragilizada e a dinâmica da vida cotidiana se torna cada vez mais nebulosa.

PALAVRAS-CHAVE: literatura argentina; tecnologia; alienação; relações humanas; distopia.

Kentukis: Innocent Pets or Monsters That Invade Our Privacy?

ABSTRACT: This study analyzes the work *Kentukis*, by Samanta Schweblin, with the aim of understanding how technology impacts human relationships and privacy in contemporary society. The research seeks to discuss how the normalization of surveillance and the commodification of human bonds are presented in the narrative, revealing an almost dystopian scenario that critically reflects the current reality. The literary analysis is based on concepts such as dystopia, exhibitionism and voyeurism, technological alienation, and the society of the spectacle, observing how these elements are incorporated into the fiction. The novel moves between the genres of science fiction and modern dystopia, using the strangeness caused by the kentukis to denounce problems of the digital world, such as voluntary exposure, superficiality in relationships, and the lack of critical reflection by the characters. We conclude that *Kentukis* not only portrays a disturbing society but also denounces the passivity regarding technological changes, leading readers to reflect on the limits of scientific progress. Thus, the work functions as a mirror of our own reality, in which privacy is constantly weakened and the dynamics of daily life become increasingly blurred.

KEYWORDS: Argentine literature; technology; alienation; human relationships; dystopia.

INTRODUÇÃO

O cenário tecnológico contemporâneo está altamente desenvolvido, apresentando equipamentos disponíveis no mercado que possibilitam diversas ações, como, por exemplo, se comunicar com um indivíduo do outro lado do mundo através de vídeos, mensagens, áudios etc. Nesse sentido, diversas pessoas são expostas, intencionalmente ou não, por conta do uso desses aparelhos digitais, o que acontece, muitas vezes, de forma impulsiva ou inconsequente.

Além disso, segundo a Agência de Notícias do IBGE (2024), em 2023, a proporção de pessoas com 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no país foi de 88%, o que mostra como a tecnologia está presente no cotidiano humano de forma significativa, sendo praticamente imprescindível em vários âmbitos da sociedade, como no profissional e no social. Nessa perspectiva, também é notável como as redes sociais, em união com os celulares, parecem ter criado uma nova maneira de se relacionar, marcada pela exibição e visualização do íntimo.

Diante desse contexto, Samanta Schweblin, escritora argentina nascida em 1978, escreveu o livro *Kentukis* (2018), que esta pesquisa analisa. Na obra, são narrados vários contos caracterizados pela presença de kentukis, bichinhos de pelúcia com uma câmera e um microfone acoplados, que são controlados por uma pessoa desconhecida e abrigados na casa de seus compradores. Sendo assim, é perceptível que o livro apresenta diversas semelhanças com a realidade, uma vez que os kentukis possibilitam interações parecidas com as das redes sociais, de forma concreta, entretanto. Portanto, buscamos analisar como a tecnologia transforma as relações humanas e degrada a privacidade, e contribuir para discussões acerca dos limites do progresso digital, investigando a dependência e a alienação tecnológica.

MATERIAL E MÉTODOS

No primeiro semestre, fizemos uma revisão bibliográfica, lendo textos e artigos que colaborassem para este estudo, e pesquisamos sobre a autora, com a finalidade de entender o contexto de escrita da obra; e no segundo, iniciamos a leitura dos contos, com o objetivo de identificar a crítica social emanada de cada uma das histórias.

Sob esse viés, o material principal é o livro *Kentukis*, de Schweblin, que contém todas as histórias que serão analisadas. A obra as apresenta com personagens que não se encontram, mas que dividem esse mundo em que é possível adquirir ou ser um kentuki. Há uma divisão física das histórias, porém não há título nem índice que indique a separação delas. Desse modo, cada narrativa começa a ser contada e é interrompida por outra trama, e, em um dado momento, a história que fora inicialmente interrompida pode ou não voltar a ser narrada. Por conta disso, optamos por analisar as tramas de cada personagem como se fossem contos completos, unindo os fragmentos apresentados, com o intuito de facilitar e organizar o estudo.

A análise literária foi realizada por meio de uma visão crítica dos enredos e da narrativa em sua essência, isto é, foram analisadas as características das personagens, seus sentimentos, seus pensamentos, suas ações, o modo com que se relacionavam e o contexto no qual Schweblin as inseriu, sobretudo. Até mesmo antes da leitura completa, já tínhamos percebido pontos em comum na maioria das histórias, os quais regiam as interações via kentuki, como o desejo em ver a vida do outro e ter a própria visualizada, a superficialidade dos vínculos humanos, o consumo desenfreado e romantizado, a idealização de um padrão de identidade, a precarização da privacidade, bem como a semelhança da obra com outros livros distópicos. Sendo assim, optamos por examinar esses temas, lendo textos apropriados a respeito, a fim de desenvolver uma discussão e uma relação mais sólidas deles com a obra.

Primeiramente, buscamos investigar o gênero a que *Kentukis* pertence. Lemos o artigo “Universo em desencanto: como a ficção científica pode nos ajudar”, da revista Galileu, para entendermos o conceito geral de ficção-científica e distopia, gêneros esses a que a obra mais se aproxima. Após nos situarmos nesse cenário, aprofundamos nossos conhecimentos quanto à definição desses gêneros.

A ficção científica pode ser usada como “balão de ensaio” para invenções tecnológicas que podem ser mais desenvolvidas ou mais similares às do presente. No entanto, o elemento central que

rege as obras desse gênero é o estranhamento. Ele é causado por mecanismos literários diferentes da realidade, e é responsável por possibilitar um distanciamento crítico e uma análise sistemática das ideias do texto (Gomes, 2022).

Partindo dessa premissa, podemos examinar o filme *Matrix* (1999), em que é apresentada ao público uma realidade que aparenta ser normal, que, no entanto, é uma simulação criada por máquinas, agora independentes do homem, para manter os humanos aprisionados enquanto dormem. Percebe-se que o universo criado está bem mais desenvolvido tecnologicamente e que o controle que as máquinas exercem sobre o ser humano gera estranhamento e agonia no telespectador. Desse modo, ao assistir *Matrix*, somos conduzidos a refletir a respeito do progresso das máquinas, por exemplo, o que mostra como a ficção científica não só cria futuros possíveis, mas possibilita, a partir do estranhamento, que tenhamos uma visão clara do presente.

Já a distopia é um subgênero da ficção científica e geralmente é situada no futuro. A principal diferença desse gênero para uma ficção científica tradicional é que é apresentado um cenário distorcido, de uma perspectiva pessimista. O objetivo dessa distorção é retratar as consequências futuras das tendências do presente que ameaçam a liberdade, fazendo soar um “aviso de incêndio”, ou seja, incentivar reflexões acerca da importância da mudança para que a realidade não se torne uma distopia (Hilário, 2013).

De acordo com essa lógica, podemos analisar o livro *1984*, uma distopia clássica escrita por George Orwell em 1949, em que é demonstrada uma sociedade sob domínio de um governo totalitário. Nesse universo, o controle do Estado sobre a população é total, existem aparelhos, controlados por ele, com microfones e câmeras, que são espalhados pela cidade e até mesmo dentro do quarto das pessoas, o que permite vigilância constante. Há, também, um conceito chamado *duplopensar*, que é introduzido a todos os indivíduos, desde a escola, como uma forma de degradação do pensamento crítico e consiste na capacidade de acreditar cegamente no que o governo diz: se ele diz que “2+2=5”, então isso é verdade. Além disso, as notícias do passado são modificadas para promover a regência e aqueles que não concordam com o governo são presos e torturados.

Sendo assim, a obra ilustra uma sociedade em que não há liberdade alguma, as pessoas são totalmente criadas, vigiadas e controladas pelo governo, o que gera desespero, agonia e uma sensação de total desesperança no leitor. Nesse sentido, marcada pelo pessimismo e pela ameaça à liberdade, a obra *1984* induz o leitor a avaliar o mundo em que vive ponderando, agora, o perigo representado por um governo poderoso e totalitário somado a ferramentas de manipulação e vigilância. Logo, as distopias são importantíssimas, visto que têm uma grande capacidade de provocar mudança e questionamentos sobre a realidade a partir de distorções do mundo.

Ademais, os *kentukis* e as redes sociais operam com base na exposição e na visualização das pessoas, e, por isso, examinamos os conceitos de exibicionismo e voyeurismo. O exibicionismo fundamenta-se no prazer em ser visto, enquanto o voyeurismo está ligado ao prazer em observar sem ser visto (Raimundo; Teixeira, 2021). Nesse sentido, em diversas ocasiões, o exibicionista se sente inferiorizado, e usa o olhar do outro para ampliar sua autoimagem (Mallmann, 2016 apud Raimundo; Teixeira, 2021), e o voyeurista, em contrapartida, escolhe observar sem a possibilidade de rejeição. Dessa forma, essas ideias são intensificadas pela superficialização dos relacionamentos humanos observada na era digital, que acontece por causa da desvalorização do indivíduo na perspectiva capitalista, em que as pessoas são guiadas pela competitividade e rivalidade, sendo mais próximas de produtos do que de seres vivos, e pela redução do ser humano a um meio de dar e receber atenção, o que é visto, sobretudo, nas mídias sociais.

Diante disso, também há uma alienação dos indivíduos com relação ao consumismo, à tecnologia e à imagem na realidade e na obra, e a concepção de sociedade do espetáculo traz entendimentos importantes quanto a esses conceitos. A sociedade do espetáculo pode ser entendida como o ápice da alienação, da redução da vida humana às imagens, que são controladas pelas mídias; é a dominação do ser pelo parecer (Tubino, 2015 apud Nunes et al., 2017). Nesse sentido, todos querem que suas vidas se tornem cada vez mais semelhantes a um espetáculo e, em um mundo em que tudo é feito através de uma imagem, isto é, por meio de uma tela, isso se torna mais possível. Há, ainda, uma enorme quantidade de informações sendo divulgada, as quais podem ser falsas ou exageradas, e que frequentemente possuem conteúdos superficiais, sendo usadas para entreter a população e desviar os olhares dos reais problemas do país. Assim, o pensamento crítico das pessoas é degradado, como se o homem devesse apenas reproduzir a lógica do sistema.

Por fim, investigamos a definição de privacidade, que pode ser compreendida como a capacidade ou o direito que um indivíduo possui de viver em sua esfera isolada sem a intromissão de terceiros (Bastos, 1999, p. 55-56 apud Silveira; Caldonazzo, 2014, p. 84). Todavia, hoje, com o avanço da internet, esse termo tem sido ampliado e modificado, havendo muitos indivíduos que permitem que seus dados sejam analisados e divulgados, ou até concordam com termos de uso sem ao menos lê-los, o que precariza a privacidade e ameaça essa parcela da população.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A respeito do gênero da obra, existem fatores que a aproximam mais da ficção científica e outros que a aproximam mais da distopia. Nesse sentido, a sociedade de *Kentukis* possui características muito similares à real, apresentando níveis tecnológicos extremamente parecidos, e nenhum tipo de estrutura social muito diferente do convencional. No entanto, um elemento que pode nos levar a definir a obra como ficção científica é o kentuki, que difere de um celular, mesmo que possibilite interações parecidas, porque o controlador do kentuki, que é uma pessoa, assume o lugar de um *pet* que se limita a dar e receber atenção e, por isso, causa o estranhamento no leitor necessário para entender a obra como pertencente a esse gênero. Por outro lado, o kentuki é abrigado dentro da casa das pessoas e possui acesso à sua intimidade de modo mais explícito e normalizado do que na realidade. Sob esse viés mais pessimista, esses bichinhos de pelúcia abrem margem para diversos crimes e representam a redução do homem a simples meios de suprir o vazio alheio. Um exemplo de uma perspectiva desesperançosa é a história de Robin, a primeira contada no livro.

Nessa trama, Robin, Amy e Katia, adolescentes, começam mostrando os seios e fingindo orgasmo para o kentuki, como uma brincadeira. A protagonista se sente desconfortável com isso, mas queria acompanhá-las porque se acha fraca e tímida, enquanto elas parecem fortes e possuem desenvoltura. Então, as meninas mostraram um vídeo constrangedor de Susan, uma menina que elas não gostavam, e também exibiram as informações de contato dela ao kentuki, com o intuito de ganhar dinheiro com isso, posto que ela era rica. Nesse momento, criaram uma maneira de se comunicar com o robô, por meio de um tabuleiro com letras e suas respostas não foram amigáveis. Além de insultá-las, a pelúcia ameaçou mandar fotos dos seios delas para o e-mail de Susan, exigindo dinheiro para não fazer isso e, a partir daí, começou a apresentar todas as informações que ele tinha, como gravações íntimas de familiares da Robin, vídeos dela nua e dela falando mal da Amy e da Katia. Por fim, suas amigas vão embora, decepcionadas, e Robin acaba triste e sozinha em seu quarto, esperando a bateria do kentuki acabar.

Contudo, o livro também apresenta muitas perspectivas otimistas. Isso pode ser visto na história de Emília, por exemplo. Idosa, a protagonista vive sozinha e de vez em quando recebe uns presentes do filho, que trabalha em Hong Kong, ganhando bastante dinheiro. O narrador se aproxima do íntimo da personagem, evidenciando como ela não via carinho nos presentes, mas sim uma tentativa de manter a relação de mãe e filho. Até que ela ganha um código de conexão a um kentuki, e descobre como interagir por meio daquela pelúcia ao mesmo tempo que sua ama (termo usado para se referir à pessoa que cuida do kentuki). Com isso, Emília estabelece uma rotina, em que passa pelo menos duas horas por dia conectada ao kentuki, observando e criando afeto por aquela mulher alemã, chamada Eva. “Eva a deixou no chão outra vez e se afastou [...] e Emília sentiu que amava essa pequena mais que nunca.” (Schweblin, 2018, p. 77).

Logo, percebe-se que a trama de Emília é contada de um modo extremamente otimista, como se o kentuki estivesse melhorando a vida dela. Isso, somado ao fato de que a obra não demonstra uma distorção exagerada da realidade, como em distopias convencionais, não nos permite afirmar com certeza que *Kentukis* é uma distopia. Entretanto, acreditamos que a naturalização de mecanismos já existentes na construção de um mundo que, para o leitor, é assustador, é também uma justificativa para entender a obra como uma distopia moderna. Talvez, o fato de acharmos que aspectos similares aos da realidade são distópicos indique que a nossa civilização se aproxima cada vez mais de uma distopia.

A palavra “amo” é usada em contextos de relacionamentos humanos com animais de estimação, o que remete a uma assimetria de poder. Mas, no livro, ela é utilizada em relações entre humanos, mais especificamente, entre o controlador do kentuki e o dono do kentuki, sendo esse o amo (Gomes, 2022). As pessoas, na obra, poderiam estar interagindo com outras pessoas presencialmente, de modo que se comunicassem uma com a outra, entretanto, optam por interagir por meio da pelúcia, de forma que elas não conseguem se comunicar, se ver e se conhecer diretamente. Isso indica que o ato

de dar ou receber atenção passou a ser mais importante do que conhecer e ser conhecido pela pessoa com quem nos relacionamos. Na obra, o amo não deseja conhecer o kentuki, mas sim ter uma companhia e alguém sempre o observando, enquanto o kentuki também não quer ser conhecido, no entanto, deseja conhecer, observar e ter companhia. A pessoa associada à esse *pet* não é relevante, o que rege esses relacionamentos é a possibilidade de companhia e de dar ou receber atenção.

O funcionamento desses aparelhos também gera grandes ameaças para seus usuários, sobretudo ao amo. Esse aparelho é capaz de transmitir imagem e áudio, e é deixado dentro das casas das pessoas, que, frequentemente, ficam nuas e tratam de assuntos pessoais diante dessas pelúcias, por exemplo. Em contraste com o celular, o kentuki passa o tempo todo transmitindo dados de forma direta e com o conhecimento do usuário. Nesse sentido, a preocupação é gerada pelo fato de que isso é normalizado na obra, os amos são inconsequentes quanto a esse processo, que contém uma série de riscos: os dados são recebidos pelo controlador do kentuki, que tem capacidade de fazer o que quiser com eles, desde a visualização até o registro e a distribuição deles; além disso, há riscos na transmissão dos dados, que podem ser interceptados ou enviados para outras pessoas ou servidores dependendo da integridade do equipamento e da confidencialidade da empresa que produz os kentukis.

Nesse contexto, a naturalização do uso de kentukis, que claramente degrada a privacidade, indica que há um condicionamento para que as pessoas usem os kentukis, que é consequência da alienação tecnológica que a sociedade narrada apresenta. O kentuki, permanecendo ligado durante horas, todos os dias, funciona como uma câmera de vigilância pessoal, que, na concepção da obra, transforma a rotina do amo em um show particular e possibilita que o controlador seja o espectador. Nessa perspectiva, o fato da ameaça criada por essas pelúcias não causar temor algum nas personagens representa, de forma concreta, a importância absoluta que a imagem passou a ter em nossas vidas, de modo que nos aproximamos do espetáculo independentemente do risco existente.

Ademais, assim como na sociedade do espetáculo, o relacionamento em si não importa, mas sim a sensação de estar se relacionando. Nesse mundo, tudo é regido pela imagem e, diferente das redes sociais, em que o show só existe até o vídeo acabar, a relação estabelecida pelo kentuki simboliza a espetacularização completa da vida, o tempo todo. Sendo assim, considerando esse interesse na imagem, criaram o kentuki, que nada mais é do que a transformação do homem em um produto comercializável. Logo, Schweblin criou uma sociedade perturbadora e submissa, em que a vivência humana se tornou uma verdadeira apresentação, com o intuito de demonstrar como os indivíduos na realidade já são alienados à tecnologia e à imagem, o que torna a existência cada vez menos vivida.

CONCLUSÕES

O mundo criado por Schweblin, em *Kentukis*, nos permite entender profundamente o modo com que a tecnologia impactou na vida e nas relações humanas, criando uma lógica, aparentemente nova, de interagir com o outro com base na exposição e na visualização de nossa privacidade. Todavia, é notável que as redes sociais já reproduzem essa mesma lógica. Sendo assim, a obra funciona como uma crítica descritiva do mundo digital, demonstrando como a tecnologia mudou, tanto positiva quanto negativamente, o cotidiano do homem.

A pesquisa revelou que a obra transita entre a ficção científica e a distopia moderna, utilizando o estranhamento gerado pelos kentukis como crítica aos processos de mercantilização das relações humanas, à superficialidade dos vínculos do homem contemporâneo e à naturalização da vigilância. Além disso, a privacidade é cada vez mais degradada, e a ausência de problematizações desse processo pelas personagens revela o modo com que a alienação tecnológica contribui para a criação de uma sociedade submissa.

Portanto, *Kentukis* é mais que uma simples narrativa e apresenta situações em que a maneira como a tecnologia é utilizada é questionável. Essa obra denuncia, ao mesmo tempo que descreve, a realidade quase distópica que vivemos, induzindo o leitor a refletir a respeito dos limites do progresso tecnológico e da mudança causada por ele em nossas vidas.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Todos os autores contribuíram igualmente para o desenvolvimento da pesquisa e para a escrita do trabalho submetido.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao PIBIFSP pelo financiamento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Nathan. Universo em desencanto: como a ficção científica pode nos ajudar. *Galileu*, [s.l.], 08 nov. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/11/universo-em-desencanto-como-ficcao-cientifica-pode-nos-ajudar.html>. Acesso em: 11 jun. 2025.

GOMES, Emannuel G. A presença do novum da ficção-científica em *Kentukis*, de Samanta Schweblin. *Literartes*, [s.l.], n. 17, p. 188-198, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/literartes/article/view/196184/190163>. Acesso em: 04 ago. 2025

HILÁRIO, Leomir C. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201–215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em: 11 jun. 2025.

NERY, Carmen. Em 2023, 87,2% das pessoas com 10 anos ou mais utilizaram internet. *Agência de Notícias IBGE*, [s.l.], 18 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-das-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet>. Acesso em: 22 jun. 2025.

NUNES, Lara M. et al. Sociedade do espetáculo: mídia e pós-verdade. *Revista Eletrônica Materializando Conhecimentos*, [s.l.], v. 8, [s.n.], p. 1-11, 10 ago. 2017. Disponível em: https://www.redeicm.org.br/revista/wp-content/uploads/sites/36/2019/06/a6_sociedade_esspetaculo.pdf. Acesso em: 04 ago. 2025.

RAIMUNDO, Arthur T.; TEIXEIRA, Maria T. N. P. *Entre o exibicionismo e voyeurismo na era digital: a necessidade de ver e ser visto*. Teófilo Otoni: Faculdade Presidente Antônio Carlos, 2021. 15 p. Disponível em https://repositorio.alfaunipac.com.br/publicacoes/2021/588_entre_o_exibicionismo_e_voyeurismo_na_era_digital_a_necessidade_de_ver.pdf. Acesso em: 04 ago. 2025.

SCHWEBLIN, Samanta. *Kentukis*. Tradução de Livia Deorsola. São Paulo: Fósforo, 2018. 234 p.

SILVEIRA, Larissa da; CALDONAZZO, Tayana R. M. O direito fundamental à privacidade na era digital. In: BREGA FILHO, Vladimir; SALIBA, Maurício G.; SANTOS, José E. L. (Orgs.). *Sistema constitucional de garantia de direitos III*. Jacarezinho: Programa de Mestrado em Ciência Jurídica da UENP. Anais do IV Simpósio Internacional de Análise Crítica do Direito (IV SIACRID), 2014. p. 83-96.